



Gaiato



Quinzenário • 8 de Agosto de 1992 • Ano XLIX — N.º 1263 — Preço 30\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Carta Aberta

ao Senhor Ministro da Justiça

NASCI e cresci na consideração da Magistratura como uma instância quase sagrada perante a qual a postura do cidadão não podia ser outra senão de respeito e confiança. E se me aparecia também como vertente dessa postura um certo temor, ele era de natureza reverencial. Nunca ouvi o nome de Juíz invocado em paridade com o de outras Autoridades, como papão para assustar crianças.

É que na Magistratura, embora havendo como sujeito homens como todos passíveis de errar, a preparação destes — que não apenas a científica na área da sua especialidade — se os não imunizava, reduzia a pouco a probabilidade de erro e era garante da forte e generalizada confiança que inspiravam.

No mundo dos conceitos, Justiça e Verdade são distintas; mas, em perspectiva ontológica, tendem a coincidir. No Ser Perfeito, Justiça e Verdade são Elementos. O Povo, decerto, não discursa sobre estes conceitos, mas tem o instinto deles. Daí, a imagem em que nasci e cresci, a que recebi do Povo de que faço parte.

E continuo a pensar e a sentir que seria um gravíssimo prejuízo social se estes conceitos, se esta imagem perdessem credibilidade. Mal seria para um Estado de Direito se aquele Poder que, por natureza e função O deve garantir, não constituísse um ponto de referência fora de qualquer dúvida, acima de qualquer suspeição.

Acontece, porém, que desde há muitos anos esta imagem tem vindo a desgastar-se perante tantos maus sucessos, evitáveis ou minimizáveis (Falo aqui, expressamente, do mundo dos Menores), se a Justiça, menos auto-suficiente, menos «orgulhosamente só», atendes-se à experiência dos que *andam com a mão na massa*, não só para uma melhor elaboração das leis, como, sobretudo, para uma mais rendível execução delas.

Na base deste atendimento estaria o respeito por estes soldados-rasos do social, que somos nós Instituições, e que são, afinal, os que suportam o mais duro da contenda e a contêm dentro de fronteiras, incessantemente em tendência de dilatação.

Não é, pois, só por esta, mas por mais esta falta de respeito, que achei dever dar conta a V. Ex.^a do seguinte ofício há dias recebido de um Tribunal de Comarca:

«Ex.mo Senhor
Director da Casa do Gaiato
Paço de Sousa

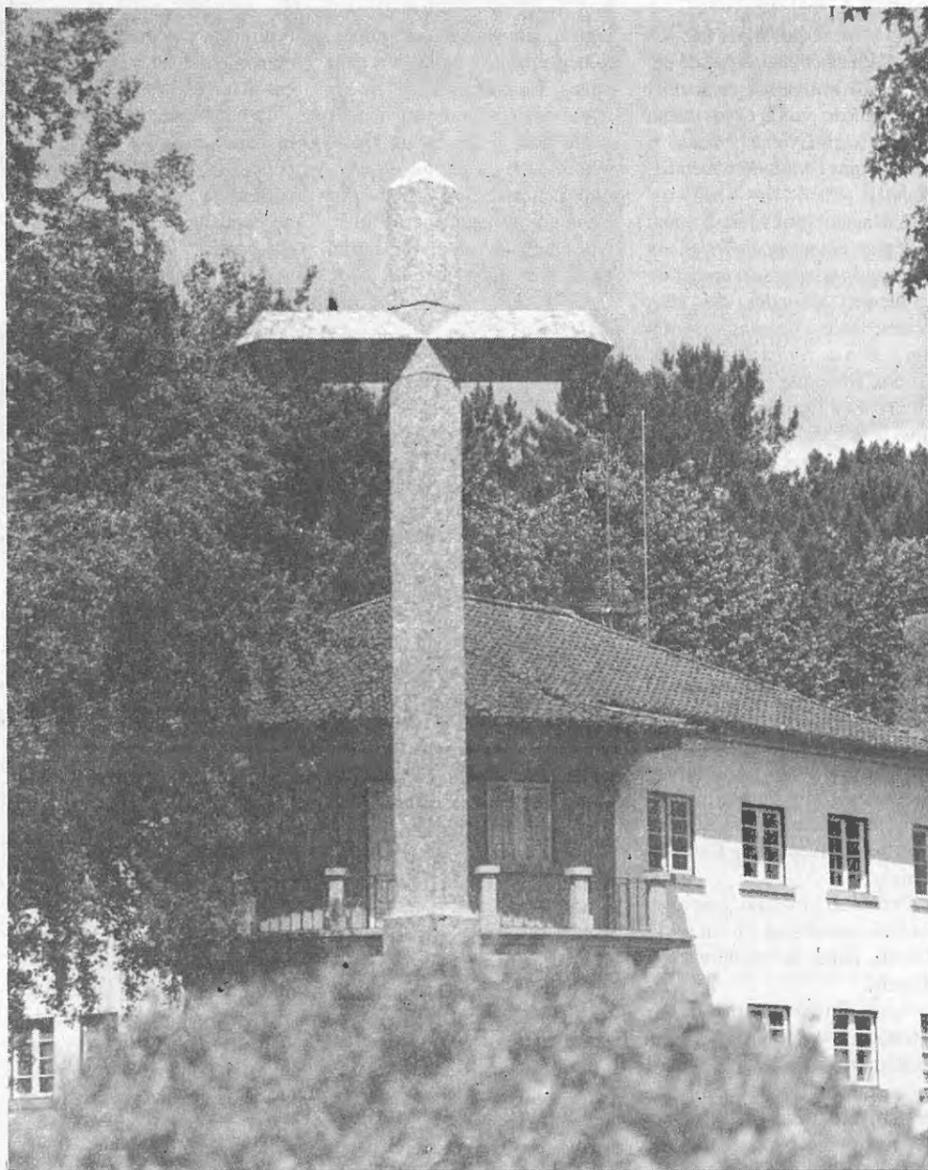
Tenho a honra de informar V.Ex.^a que os menores F. e F. irão passar as férias de Verão com os irmãos N. e N. na Casa dos Rapazes da Santa Casa da Misericórdia de Santarém, conforme despacho deste Tribunal, ordenando tal ida.

Tal período de férias terá início no dia 3 de Agosto de 1992 e terminará no dia 12 de Setembro de 1992.

Os menores serão acompanhados dos técnicos do IRS de Penafiel, que os irão buscar à V. Instituição, aí os levando de volta, em Setembro.

Com os melhores cumprimentos,
A Juiz de Direito
(Assinatura ilegível)»

Continua na página 4



No Calvário é um acto de fé o nosso viver de cada dia!

Tribuna de Coimbra

A cidade de Coimbra e seu povo fizeram e celebraram as festas à sua padroeira a Rainha Santa Isabel. Toda a cidade se encheu de movimento. As duas procissões foram multidão de pessoas crentes. Cada um crente à sua maneira. Um número incontável de penitentes descalços. Milhares de crianças de anjo.

À chegada da imagem da Santa Rainha ao centro da Cidade, o Padre Jesus Ramos saudou-a com este cântico de louvor:

«D. Isabel, Rainha de Portugal!

Entraí, Senhora! Como outrora, os pobres esperam pela vossa visita consoladora, pois hoje como sempre, há chagas purulentas que, para sararem, necessitam do beijo de uma santa verdadeira; há dores escondidas que precisam do bálsamo de uma mão amiga; há feridas abertas a que só o unguento de uma bênção celestial servirá de remédio.

Continua na página 3

Benguela — Angola

NO dia 30 de Junho de 1992, na Sala da Biblioteca da Casa do Gaiato de Benguela, perante a autoridade maior do ministério da Educação na Província de Benguela, da Igreja e alguns rapazes casados, criados e educados na Casa do Gaiato, cumpriu-se um acto de justiça: a devolução oficial ao seu legítimo proprietário das instalações, bens moveis e terrenos agrícolas confiscados à Casa do Gaiato de Benguela no ano de 1979.

Assim, instalados de novo no que é seu, os garotos da rua voltam a dar que falar. Primeiro, porque são legião à deriva, a incomodar seriamente os cidadãos, de tal modo que estes não-de interrogar-se sobre a causa de tão grande mal. Depois, com uma Porta Aberta à vista de todos, as autoridades e o povo não-de dar as mãos à Casa do Gaiato para que possa cumprir a sua missão: denunciar o mal e apontar caminhos novos com a prática experimentada há muitos anos. Quem dera a Obra da Rua pudesse estender a sua acção a outras cidades de Angola, como lhe foi pedido!

Já o disse em nota anterior que, antes de receber os primeiros gaiatos muito havia que fazer: Faltam os quartos de banho; não há cozinha nem copa; canalização e esgotos estão destruídos. Há muita vontade e muita alegria.

Começamos pela *casa-mãe* da Aldeia. Nela ficaremos instalados logo que possível, pouquinhos de início, sem perder o fôlego, apesar de abafados por tamanhas despesas, sem ter onde ir buscar, no local, meios de subsistência e materiais necessários. A inflacção é assustadoramente elevada.

Ontem à noite um grande amigo, de passagem por Benguela, deixou-nos 300 mil kuanzas e trouxe-nos notícias animadoras de sua esposa acometida de doença grave. Pouco tempo antes, em festa de aniversário, outra velha amiga deu-nos cem mil com esta nota simpática: «Um grão de areia para as obras dos nossos queridos gaiatos». E, à hora em que escrevo, o Toni, rapaz que a Casa do Gaiato criou, agora casado e gerente do B.N.A na Catumbela, está à espera do tractor que ele pediu emprestado para lavrar dúzia e meia de hectares de terreno. Tenho andado atrás dum outro para o aplicar na mesma tarefa. O nosso pão há-de vir, sobretudo, do trabalho na terra.

O Solano, chefe de enfermeiros no bloco operatório do Hospital Central de Benguela, muito procurado e louvado pelo seu zelo e competência, tem-me dado muitas alegrias pelo entusiasmo e apoio nestes primeiros passos para a reconstrução

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

FÉRIAS — De vez em quando topamos dados sobre as condições sócio-económicas da população, recolhidos de várias fontes e dos mais diversos modos. Curiosamente, num ou noutro caso, mostram o que, pela *tarimba*, a gente vê e sente, *ô rés-do-chão*, especialmente no reino dos Pobres. Agora, uma brevíssima amostragem sobre quem usufrui férias ou não. Isto é, quem *muda* ou não de ambiente para relaxe. Sociologicamente, números que impressionam, muito oportunos para reflexão sobre as assimetrias reinantes.

À nossa frente — toda ela de preto, com um calor de rachar — uma viúva que não tem férias, cuja vida tem sido um martírio, pois já na *terceira idade* ficou com netos para criar — por morte dos pais. No entanto, a Providência divina acrescenta força à fraqueza e os moços não tardam a ser maiores, com um futuro pobre, mas promissor, à sua frente. Ela quereria uma casinha para evitar questões familiares. «*Seria um alívio prá nossa vida...!*» Um encontro interessante, pelo desejo de emancipação da viúva que roçou a *utopia*. «*Eu sei que não há casas... mas quem dera acabar os meus dias, sossegada, só com os meus queridos netos!*» De facto, qualquer avô(ó) é *duas vezes pai (mãe)*, diz o povo. A pobre velhinha afirma-o expressamente.

PARTILHA — Joana, de Setúbal, manda uma «*pequena lembrança para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Se possível, gostaria que aplicassem na casa daquela mãe cuja filha teve um acidente e o bebé não tarda a nascer.*»

Mil escudos do nosso Domingos. Assinante 26306, do Porto, um valioso cheque, parte do qual para a nossa Conferência «*ajudar algumas famílias necessitadas.*» Acrescenta: «*Bem haja pela ajuda que me dão com O GAIATO e de fazer algum (tão pouco!) bem ao Próximo.*»

Assinante 6367, de Lisboa, dez mil, «*para o que for mais necessário.*»

Mais dez mil, de Viseu, pela mão da assinante 17477: «*Férias! Estou em férias e, portanto, com mais tempo para ler e reflectir os textos d'O GAIATO. Não ajudo tanto como desejaría, pois tenho seis filhos e até uma vida bastante atribulada. Agora, mais aliviada, tocou-me sensivelmente a jovem mulher, dorida pela cruz, dizendo: 'Botem a mão à nossa vida...!' Af vai uma migalha para ajudar a construir o seu ninho.*»

Mais 9.000\$00, da «*Avó de Sintra*»: «*Minha mãe não consegue ver para escrever. Por ela envio um abraço.*» Que retribuimos com muita amizade.

«*A partilha de Junho e Julho, com muita amizade e saudações fraternas,*» de «*Uma Assinante de Paço de Arcos*» — tão perseverante. Demos graças a Deus!

Mais dez contos entregues no Lar do Gaiato, do Porto, em dis-

Pelas CASAS DO GAIATO

creto sobrescrito. Mais três, da «*Avó dos cinco netinhos*», de Setúbal: «*A minha tão pequenina contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. É pouco, mas com todo o meu carinho.*»

Assinante 23618, de Lisboa: «*Estamos em tempo de férias. As pessoas apressam-se a mudar de ambiente, afastados das suas ocupações, e a descansar (será?) um pouco da rotina do trabalho. Assim, envio um cheque (inclusivé) para a Conferência Vicentina.*»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

16 DE JULHO — No dia de Pai Américo (16 de Julho) comemoramos a sua partida para o Céu, normalmente fora da Obra que nos deixou — a Casa do Gaiato.

Fomos ao Mozinho, mas a celebração eucarística foi em nossa Capela, aonde se encontra o seu túmulo.

Aproveite para referir também a festa dos Antigos Gaiatos, realizada em 19 de Julho, na qual todos aqueles que já foram embora, tiveram a oportunidade de se juntar a nós para comemorar a festa e cantar os parabéns a Pai Américo.

Como é habitual vem cá sempre muita gente. Por isso, a Missa foi celebrada no largo do nosso hospital. Depois, o almoço ao lado do campo da bola.

De tarde, tomámos banho na piscina e merendámos: caldo verde, sardinhas, e bolo. O principal foi dedicado a Pai Américo, e todos os presentes cantaram os parabéns a Pai Américo.

AGRICULTURA — Os rapazes da horta tratam do milho, abóbora, couve que ainda se encontra em crescimento. Já começámos a colher tomates e cebolas.

VISITANTES — Continuamos a receber visitas, principalmente aos domingos. Não têm sido excursões, mas visitas pequeninas feitas por familiares amigos ou desconhecidos.

OBRAS — Mais uma vez, falamos nas obras: As da casa 1 continuam lentamente. Talvez não haja pressa. Na colónia de férias, em Azurara, continuam a avançar, mesmo com a malta lá, a passar férias.

FUTEBOL — Defrontámos os Antigos Gaiatos. Partida bem

jogada, por ambas as equipas, principalmente a nossa, dos mais novos. Empatámos a 2 bolas.

Vai começar mais uma época de futebol e pedimos aos nossos leitores o favor de nos oferecerem material desportivo. Por exemplo: Equipamento, bolas, redes de baliza, todo o material necessário. Obrigado!

«*Vitinho*»

SUSTO — Em 18 de Julho estava muito calor e apetecia um banho na piscina. Os miúdos saltavam e gritavam com alegria, para a hora dos mergulhos. Todos queriam andar na bóia e, como era pequena, iam poucos de cada vez. Mas não é habitual termos bóias na piscina.

Houve, então, um grande susto: «*Vila-Chã*» viu o «*Tico*» no fundo da piscina e foi buscá-lo rapidamente. Depois chamou por mim. Mal vi o miúdo, em alta voz mandei chamar uma ambulância dos Bombeiros Voluntários de Paço de Sousa, que compareceu imediatamente e levou o miúdo à urgência do Hospital de Penafiel.

Acompanhei o «*Tico*» que, ligado à garrafa de oxigénio, reanimou pelo caminho até ser assistido clinicamente.

Domingo de manhã, «*Tico*» já cá estava em Casa.

Aqui fica este acontecimento para exemplo. Quem não sabe nadar não vai para sítios fundos.

Repórter x

Cooperativa de Habitação

Está em vias de conclusão a construção das primeiras habitações do projecto de Vales — Paço de Sousa, que irá contemplar 19 dos nossos casais mais carecidos de habitação condigna para as suas famílias.

Prestes está, pois, a terminar um processo vítima de vicissitudes várias, onde a burocracia pontuou, para além das dificuldades que economia em recuperação inevitavelmente acarretam.

Apesar da preocupação de construir habitações acessíveis a reduzidos orçamentos, como os da maioria dos candidatos àquele benefício, mesmo assim os obstáculos não foram fáceis de ultrapassar. O apoio técnico e o esforço financeiro que obtivemos auxiliaram, e muito, na consecução do projecto. Apoios que continuam a ser necessários, pois

o projecto não está concluído e outros, entretanto, devem começar a ser encarados.

19 habitações, parecendo muitas dados os nossos limitados recursos, são manifestamente insuficientes para suprir as necessidades de tantos dos nossos casais.

E todos devemos estar conscientes de quanto se torna indispensável uma habitação condigna que, para além dum direito que a todas as famílias assiste, complemente todo um processo de dignificação, objectivo primeiro da Casa do Gaiato.

Confiantes, vamos prosseguir...

José Eduardo

BENGUELA

Espero que recebam esta minha crónica com alegria e cheios de esperança. Eu dou notícias da nossa e vossa Casa do Gaiato de Benguela.

A NOSSA ALDEIA — Duas das nossas casas encontram-se muito danificadas. Quartos de banho sem uma única sanita. Lavatórios, nem vê-los... A casa-mãe um pouco melhor. A cozinha não tem uma peça de louça. As mármorez desapareceram e os fogões sumiram-se.

AGRO-PECUÁRIA — Nos galinheiros não há galinhas. Temos que começar a criação do zero. Na vacaria sobraram cinco vacas, todas elas com a marca de quem passou fome e guerra. Na corte dos leitões nem um; e na das ovelhas sobraram umas 12. Já é o começo para um bom rebanho.

Na lavoura, estamos à espera que duas empresas nos disponham de máquinas fortes, pois os terrenos estão sem nada e as pessoas fizeram delas caminhos de passagem.

SAÚDE — Em questão de saúde a coisa não está a correr bem. A primeira doente foi a Aurora. Bateu com o joelho na quina de um banco da capela e ficou dois dias de cama; mas já regressou ao trabalho. Depois foi o nosso Padre Manuel, mas com uma dose de medicamentos já está a voltar ao normal. Eu e a Teresa é que temos resistido a tudo. Estamos sem sintomas de qualquer mal.

Por agora é tudo. Espero que tenham gostado, pois a nossa Casa está a ficar bonita. As mangueiras já foram pintadas e as outras árvores estão podadas. Agora é só regar.

Para todos que lerem estas notícias um grande abraço e escrevam, pois eu sou o único que não recebi notícias de ninguém.

Benjamim

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Alguém escreveu: «*O cristão é tudo menos um satisfeito, um conformado, um acomodado à vida.*»

Sim, enquanto houver Pobres no mundo em que vivemos, temos que tentar não ser nada isto. Não só porque somos cristãos, mas também pela herança que recebemos de Pai Américo.

Que pena não termos mais tempo disponível para dedicar aos Pobres... Há já alguns dias que não fazíamos a nossa visita. Assim que pudemos, lá fomos.

A D. Alzira pregou-nos mais um susto. Estava na cama, toda ligada, pois tinha caído e fraturado a clavícula e partiu duas costelas. Perguntámos o porquê daquela desgraça. Contou que foi por causa do retrato. Uma das netas fez a comunhão e a avó quis ficar com uma recordação. Mas quando ia para tirar a foto com a neta tropeçou na passadeira da Igreja e caíu.

Para além das dores, D. Alzira estava preocupada pois não podia tratar do sr. Luís, o marido entretado. É preciso lavá-lo, vesti-lo e isso só ela a fazer o sr. Luís chama mãe, é que o faz a seu contento.

Dali fomos ver o sr. Rogério e a sra. Maria. Ele acamado e cada vez mais magrinho. O corpo já está a ficar com chagas. A mulher lá se vai arrastando, sabe Deus como, e estava preocupada porque não tinha fraldas para o marido. Pediu para cortarmos na mercearia e levarmos algumas fraldas. Assim continuará limpinho e seco.

A cruz que estes nossos irmãos carregam, é bastante pesada. É nossa obrigação, como cristãos, ajudá-los a aliviar-lhe a cruz e passá-la um pouco para os nossos ombros. Vamos ajudando, mas sem vós nada somos e nada podemos fazer.

Da Holanda chega a nossa Amiga com a ajuda habitual de 7.000\$00 e uma cartinha cheia de fé em Deus, que ajuda a despertar o nosso cristianismo, por vezes adormecido. De quem esconde a mão, 5.000\$00.

Muito obrigado a todos.

Valdemar e Olga

Encontro de Antigos Gaiatos de Malanje

Graças a Deus e a Pai Américo vamos realizar o nosso encontro anual. Padre Acílio, de Setúbal, ajudou-nos muito e vamos dar-lhe a alegria do nosso amor à Obra da Rua.

Padre Cristóvão, do Tojal, será o sacerdote da Obra da Rua que nos acompanhará durante umas horas. Sem um Padre da Rua o encontro não teria a alegria que desejamos.

Seguiram cartas paras os nossos irmãos e amigos de todo o Portugal, Macau, África do Sul, Brasil, Moçambique e Angola. Que este aviso faça aparecer muitos irmãos que nos falta encontrar.

Para revermos o nosso cruzeiro e a nossa lagoa, aqui vai o programa:

Sábado 15 de Agosto — Concentração no Castelo de Palmela — 10.30 horas; Merenda com o farnel de cada família — 12.30 horas; Jogos recreativos — 16.00 horas; Reunião no Lar de Setúbal — 18.00 horas; Alojamento e jantar previstos no Lar de Setúbal.

Domingo 16 de Agosto — Missa celebrada pelo Padre Cristóvão (Tojal) na Capela do Lar de Setúbal — 9.00 horas; Partida para a Barragem Moinhola — 11.00 horas; Início do «repasto» — 12.00 horas. Lágrimas nos olhos com as despedidas, mas todos presentes.

Manuel Fernandes

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

Como estava previsto, realizámos em 28 de Junho o habitual passeio anual.

Em princípio seguiríamos numa camioneta grande, mas, devido à pouca afluência de presenças, alterámos o plano e fomos numa pequena.

Gostaria de referir que estes passeios têm como único fim estreitarmos as nossas relações familiares de maneira a que cada antigo gaiato, com a sua família, possa confraternizar com todas as outras famílias. Procuramos, assim, manter mais vivo o nosso espírito familiar, o mais precioso legado do nosso Pai Américo. Não deixaremos cair este rico bem. E com mais ou menos presenças, iremos sempre.

O passeio teve um itinerário que nos deixou encantados.

Safamos do Porto às 8 horas. Visitámos a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Depois, seguimos para a Senhora da Piedade, na Lousã. Aí, em plena Serra, cada um procurou arranjar o melhor sítio para se instalar e comer o almoço, tendo ficado tudo ao redor uns dos outros. Só depois nos apercebemos do majestoso espectáculo



Benguela — Angola

Continuação da página 1

da Casa do Gaiato que foi o seu lar desde pequenino. Quase não passa um dia que não venha visitar-nos, sempre com notícias novas: Ora é o camião que vai buscar o estrume para a sementeira do cebolo, ora são pessoas que querem ajudar-nos abrindo caminho para outras e também a sua carteira: «Aceite esta quantia que não me faz falta nem à minha família».

Os primeiros 20 garotos já estão à porta, aguardando somente ordem para entrar. Tão aflitos como eles andamos nós, sem mãos a medir, que o lixo é demais e os buracos são muitos.

Nos lugares por onde passo, deambulando pelas ruas da cidade horas e horas, dias e dias, buscando o que não há, pagando exorbitâncias pelo pouco que há, embrenhado nos meandros da Lei da Selva que regula a vida de negócio neste momento em que cada um faz e pede o que quer

pela mercadoria que vende.

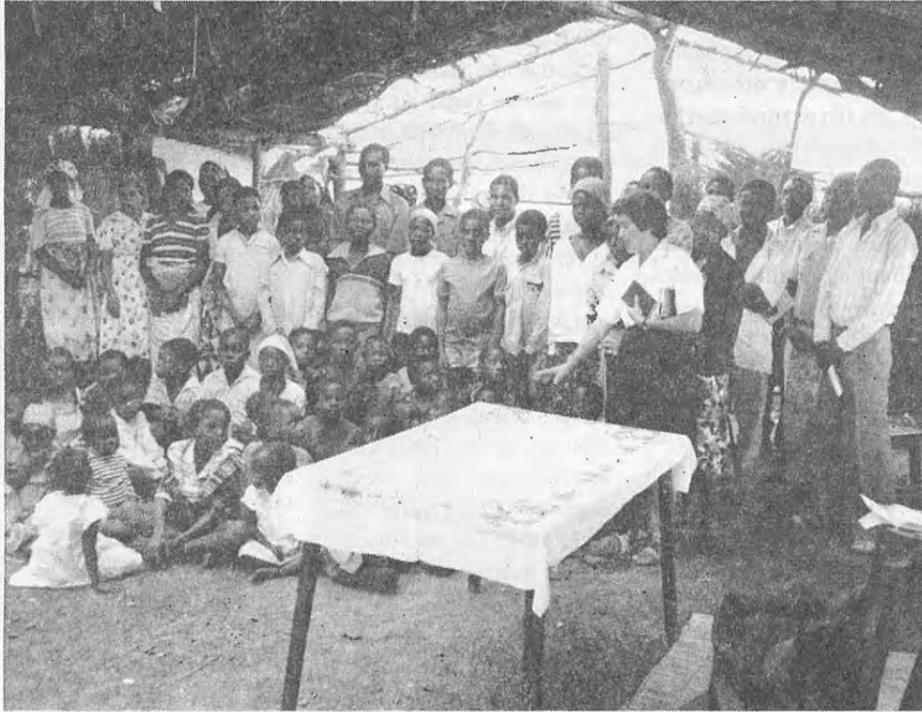
Deixo o meu recado, denuncio o mal, sempre bem acolhido em nome da Casa do

Gaiato. É verdade que o vadio das ruas tem muita força e começa a dar que falar. Consciências acordam da apatia e insensibilidade e incapacidade perante tamanha desgraça.

O Zé d'Angola, mais o Ricardo e João Carlos chega-

ram da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Vêm juntar-se ao grupo que veio à frente. As pedras em que assenta a reconstrução da Casa do Gaiato de Benguela vieram da rua também. Que alegria!

Padre Manuel António



Preparação da celebração eucarística na Massaca 1, em Moçambique.

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

Encontrareis, Senhora, muitas mãos que se estendem, na esperança de que uma pétala ao menos, das muitas que milagrosamente se desprendem do vosso regaço, caia de manso nos seus dedos trémulos e transforme, em nome da dignidade humana, as condições da sua vida. Encontrareis, Senhora (custoso é dizê-lo, mas a verdade o exige) muitos pobres, ainda, sem terem ao menos

que os nossos olhos contemplavam. A Senhora da Piedade, enquadra na majestosa Serra da Lousã, deslumbrou-nos!

Vimos então para Coimbra. Demos um passeio pela cidade e depois o regresso ao Porto. Estamos certos que muitos dos que não foram teriam ficado encantados com tamanha beleza que nos proporcionou a Senhora da Piedade. E agora estão arrependidos de não terem ido. Paciência.

UM APELO — O Armando está desempregado e precisa de um emprego. Já aqui fizemos o pedido mas não recebemos qualquer resposta.

Ele tem à volta de 50 anos. Em tempos foi alfaiate, mas como a sua arte está em dificuldade, também foi afectado, embora seja um bom profissional.

Vamos a ver se os nossos amigos nos ouvem. Ele tem família, boa vontade de trabalhar e precisa muito. Serve-lhe qualquer outra profissão.

Esperamos notícias e boas.

Fernando Marques

um abrigo onde pernoitar nas longas e penosas noites de inverno. A cidade cresceu, transformou-se, está mais bonita! Têm-se aberto avenidas novas, têm-se erguido torres um pouco por todo o lado, têm-se construído hotéis espaçosos e confortáveis — mas o albergue há tanto sonhado para os sem eira nem beira continua na gaveta das boas intenções, à espera da demão preciosa de alguém que, como vós, ensine aos influentes e poderosos do nosso tempo que só é verdadeiramente grande aquele que faz gesto de partilha.

É provável, Senhora, que, visitando os pobres da baixa, como é vosso evangélico costume, encontréis muitos a viver ainda em espaços que de casas apenas conservam o nome, pois não têm qualquer instalação higiénica, nem água, nem uma janela por onde entre o ar fresco e saudável da manhã. É provável, Senhora, que encontréis idosos que, mais que a doença, temem e sofrem esse mal novo, próprio dos nossos dias e das nossas cidades — a solidão! É provável, Senhora, que encontréis chagas sociais abertas que, mais ou menos conscientemente, vamos ignorando para podermos dormir descansados e aparentemente felizes. É provável que encontréis lázaros, chagados a precisarem de um samaritano, de muitos samaritanos

que não passem ao lado, mas se debruçam sobre os prostrados nos passeios e nas bermas dos caminhos, lhes limpem as feridas e, dandó-lhes a mão, os façam sentir de novo o dom grande e sabroso da vida.

(...) Que a vossa visita sirva para que todos entendamos que se vós sois a padroeira de Coimbra, se sois dona e Senhora do coração dos filhos desta terra, não é pelo facto de aqui terdes habitado, em tempos idos, um palácio digno da vossa realeza; é antes pela razão simples de, vezes sem conta, terdes percorrido as ruelas tortuosas do velho burgo a sarar feridas, afagar a cabeça

dos meninos da rua, a reparar, por todos, as pétalas perfumadas que se desprendem do vosso regaço e que são para uns o pão, para outros o alívio, para estes o conforto, para aqueles a esperança e para todos a certeza de que em Coimbra, mais que uma rainha, vive uma Mulher que, à maneira de Jesus de Nazaré, vai passando a distribuir amor, a construir a paz e a fazer o bem...

Que esta mensagem e cântico sirvam de meditação para todos nós e que a vida da Santa Rainha seja força para sempre servirmos os irmãos.

Padre Horácio

Malanje

Corpo de Deus

Corpo de Deus!:

— Ei, pedrinha, sobe!

E o bloco do sacrário — uma só pedra — subiu devagarinho, como há dias subiram o cruzeiro e o altar. A mesma canção e idêntico o tilitar das correntes do garibalde.

Nesta véspera do Corpo de Deus, o nosso carpinteiro Mateus acabou a colocação das portas da Capela. Tudo pronto para atarmos o fio

partido da passagem do Senhor pelas ruas da nossa Aldeia! Logo de manhã, retomámos o costume de marcar o itinerário com um tapete de folhas e flores. Vieram as catequeses das sanzalas vizinhas. Elas deram alegria a este reviver comovente da visita e bênção do Senhor!

Pareceu-me... Foi mesmo: O Senhor sorriu olhando os campos enegrecidos pelas queimadas, as janelas e persianas brancas da casa-mãe e casa 1 e os buracões escuros

DOCTRINA



O zelo da criança devora a gente.

• Trago hoje a esta coluna de amor um pensamento doirado; doirado porque d'oiro. E se o pensamento é da Obra da Rua, que esperas tu encontrar nele senão somente a sorte do garoto que nela mora?

• A génese do que hoje vou dizer, vem de telhas pobres, abrigo de famílias sem nada, onde vezes sem conta entramos, à hora do arranjo de garotos para a Escola. As mães deles, a quem o mundo néscio soe chamar desmazeladas sem lhes dar nem fazer nada para que melhor zelem seus filhos, as mães, digo, servem àquela hora e a cada filho um nada de água quente tingida de café e sua migalha de pão. Tenho visto muitas vezes partir meio quilo por oito. Não é pão que chegue para os filhos, antes são eles que têm de chegar para o pão.

• E assim prevenidos com refeição mentirosa, abalam em chusma para a Escola. No regresso pousam a saca dos livros, tomam a cesta da sopa, formam bichas às portas dos quartéis; e com ela, com esta sopa, fazem a grande e única refeição do dia. Depois do que vão aos dispensários tomar o conduto nas veias...!

• O meu pensamento é salvar da fome lenta as crianças nascidas (já que tantos as não deixam nascer). Como? Postos de leite junto das Escolas Primárias. À hora do recreio um púcaro dele doce e quente e meio quilo de pão a cada catraio — coisa sadia e séria.

• Não se trata de nó cego; num instante se desata, se a cidade de Coimbra quiser. Muito trabalho, muitas dificuldades, muitas horas de sacrifício — sim. Que importa tudo isso, se os pequeninos num instante mudam de aspecto e de cor?... Nem só o rouge pinta. E até, para dizer toda a verdade, é por amor do rouge da tua cara que os filhos dos Pobres andam tão amarelos. Sim; que importa sacrifícios?...

• A Caridade é uma doença que Deus dá no coração da gente; também as pérolas, dizem, são doença que Deus dá no seio das ostras; toda a beleza e preço vem da doença, que não do doente. Esta doença gera febre causada pelo mal dos Outros e somente a cura deles nos cura a nós. Que importa trabalhos?... Ai, que se Coimbra acordasse e fizesse ela, pela mão dos que podem, o que eu sozinho não posso fazer!

D. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2º vol.)

das outras casas. Aproveitei o momento para Lhe pedir que tomasse conta.

os angolanos nos dariam as mãos.

Ora, eis pois o sair desta precissão:

O velho Mendes, sempre tão carinhoso connosco, veio com 400 litros de gasóleo. Logo a seguir o sr. Laurentino, tão amigo, com 500.000 kuanzas; e ao lado, a firma Miamops do sr. Monteiro Kapunga com mil quilos de feijão. O sr. Maneco deu-nos dois pneus para o tractor da Diocese que nós estamos a utilizar. O sr. Jorge da Manauto, um transporte de Luanda a Malanje. Veio a seguir o nosso

Continua na página 4

Dar a mão!

Sabor a novidade!, como romãs maduras, a confirmação da certeza de ajudas do Povo angolano à nossa Obra! Esta é uma das grandes alegrias com que o Senhor nos está brindando.

Gestos de santidade; acções fraternas; dar a mão... Podemos chamar-lhe tudo. «Ó meu Senhor, dê a mão àquele.» Dar a mão! E nós vimos com a certeza de que

SETÚBAL

Não se calou dentro de mim o grito ingente dos pobres pelo impossível acesso à habitação. Antes pelo contrário ele é cada vez mais aflitivo.

Abriu-se no meu espírito uma tênue réstea de esperança de algumas facilidades económicas relativamente aos gaiatos, mas vejo-a tão longínqua que se começa a desvanecer esse *sebastianismo*, no modo positivo de analisar o comportamento dos homens do dinheiro. Não quero que tudo seja desilusão, mas a espera, quando longa, é cansativa e torna-se frustrante. Queria dar aos leitores essa boa notícia, mas por enquanto tudo é sonho e... devo calar-me.

O que já se tornou realidade foi o aparecimento de seis madrinhas para ajudarem os gaiatos no pagamento mensal do restante das suas casas. Elas vieram do Porto, de Aveiro, de Lisboa, Castelo Branco e Elyas.

É muito simples ser madrinha deste modo. Eu forneço o nome do Gaiato, o número da sua conta no banco X; e a madrinha escreve uma carta ao banco

a pedir que em determinada data do mês transfira da sua, para a conta de F., no banco X, a quantia de Y.

Assim fez já a primeira madrinha, relativamente a dois. Para um manda dez contos mensais. Para outro quinze. É tudo simples e tudo fica no segredo de Deus, a Quem todos devemos dar graças.

Nós não temos outro modo de ajudar os rapazes, senão pedindo e dando.

- Com obras no escritório, quis fazer um teste à consciência e fortaleza dos rapazes.

As coisas andavam aparentemente tão bem que era necessário experimentar.

Se os rapazes não têm oportunidade de fazer o bem ou o mal, não o fazem mesmo, mas isso causa-lhes na alma debilidade incurável.

Um andaime dava acesso a um buraco, onde se irá abrir uma janela para o meu gabinete e do outro lado, saltando uma parede que aguardava uma abóbada, era fácil entrar no escritório.

Escondidos, ficaram lá dois rolos de moedas de 20\$00 e um saco com mil escudos, em moedas de dez. Por quatro

vezes que fui ao cofre, encontrei sempre o segredo mexido. Os larápios andavam acesos. Tudo se veio a descobrir e, quando ontem cheguei da praia encontrei três rapados e descalços.

Com tão grande severidade indaguei e fui imediatamente informado do acontecido e do tribunal que os julgara. Três reus: Cigano, Xibata e Luçábio. Assaltaram, roubaram e compraram um par de tenis.

Achei que o juiz foi severo demais e hoje mandei-os calçar. Os rapazes nem gastaram o dinheiro mal gasto. A tentação do dinheiro fácil é hoje tão sedutora e ele há tanta gente a deixar-se arrastar por ela!... É só espreitar um buraco que parece seguro!...

A justiça, a dignidade, o temor de Deus, o medo de defraudar o outro, a consciência, tudo desaparece perante a ganância e a oportunidade.

Ainda não falei particularmente com os faltosos, mas ando dorido por eles! A fraqueza mede-se nas ocasiões. Eles são ainda muito fracos, precisam de ajuda e de mais oportunidades.

Padre Acílio

Em certas ocasiões o acaso junta factos que nos levam a sérias interrogações sobre o sentido da sociedade que estamos a construir e sobre as opções que estamos a fazer em termos de investimento e de bem estar da população.

Fui ver um dos cento e tal casos que este ano já chamaram por socorro. É uma aflicção e uma dor ter que, diariamente, despachar a dizer que não há vaga. As tintas com que era pintado o quadro levaram-me a abrir uma brecha nas minhas defesas. Se assim é, pensei, há-de haver uma solução. Barraca o mais ímunda que se possa imaginar. Mãe incapaz, quer pela falta de vida anterior, quer pelo alcool e pela prostituição actual. Cinco filhos, cada um de seu pai e todos sem o nome dele. Bairro degradado. Filha mais velha, de 15 anos, já na prostituição. Uma criança-menina de 13 anos com histórias e muitos segredos sofridos para contar. Ninguém a frequentar a escola. O rapaz, de 10 anos, fazia ausências de casa durante dez a quinze dias. Andava por lá. Fui encontrá-lo, num sítio algo distante, às três da tarde, a dormir, todo estirado em cima de uma mesa. Roupas e corpo era tudo porcaria. Só este ano teve direito a ser registado, porque um grupo de senhoras preocupadas deu todas as voltas. O grupo de pessoas que me convocou para este encontro, convocou também a Sra Assistente Social. Acompanhou-me em parte da peregrinação, dizendo-se desde há muito preocupada com o caso mas sem ter encontrado solução. Interpelei a Sra Assistente Social: «Seria conveniente a intervenção do Tribunal de Menores». A resposta saiu imediata e surpreendida como se tivesse ouvido da minha boca uma monstruosidade: «Não há matéria». Achei melhor seguir o meu caminho. O que teria dito, naquele momento, sairia torto e em tom pouco adequado para a via pública. Ficou-me a roer por dentro. Onde o direito e a justiça para

Encontros

EM LISBOA

aquela e outras crianças? Quem as defende? Direito ao bom nome? Direito à família? Direito à saúde? Direito à casa? Direito à segurança? Direito à escola!... «Não há matéria!» Eis a ingénua mentira dos congressos, conferências, declarações... Qual será a matéria necessária?

Em menos de três meses já fomos visitados pelos amigos do alheio umas dez vezes. Depois do quinto assalto fui à esquadra pedir auxílio, confiante, porque já me valeu ouvindo: «Ó sr. Padre, em cinquenta assaltos lá apanhamos um». Não temos efectivos que cheguem para a zona. Só quando os apanhamos em flagrante é que podemos agir, caso contrário vamos a tribunal e ainda ficamos mal vistos». Regressei a casa com os olhos no chão e o coração triste. Onde anda a segurança? Onde está a protecção? Com uma casa cheia

de miúdos, como os tranquilizar? Como educá-los? Muitos dias passei com a pequenada a contar histórias de ladrões. Um alvoroço. A quem recorrer para podermos, em tranquilidade, viver a nossa vida?

O ano tem sido fértil em pedidos de internamento vindos dos Centros Regionais. Num mesmo dia, já era o terceiro pedido. Disparei à Sra Assistente Social: «Podia explicar-me quais são as soluções que esse Centro tem a nível de distrito, para esses problemas? Resposta: «Nenhuma». Questionei novamente: «Então, quais são as opções que se fazem a nível da vossa Direcção Geral para estes casos?» Resposta: «Não sei. Só sei que nós estamos cheios de problemas e casos para resolver e não nos abrem nenhuns caminhos». Fiquei com o vazio face às minhas perguntas e senti que algo vai mal quando nem para as crianças e jovens existem soluções claras e opções bem definidas.

Padre Manuel Cristóvão

Malanje

Continuação da página 3

gaiato José Fidalgo (popular *Zé da Fisga*) com o transporte de 3 contentores de Luanda a Malanje e o gaiato Mando, um. Foi uma grande ajuda, pois só um transporte são milhões! Também o gaiato João Berenguel com o seu pessoal nas cargas e descargas. Os gaiatos Neco e Dantas têm-me prestado uma valiosa ajuda nas inúmeras voltas em Luanda. Claro que debaixo do pálio vai o sr. D. Salessu que no início nos recebeu em sua casa e o sr. padre Horácio Nogueira nosso anjo protector. A *Cáritas* com a D. Maria José tirando-nos a apanhação inicial: «Onde iremos comprar comida?» E o nosso gaiato Jorge? Foi ele que aplanou em Malanje os nossos caminhos.

De Portugal, a ajuda de tantos amigos! Algumas que foram ter às nossas Casas e cá virão ter e outras que nos chegaram: Das terras de Miranda do Douro, a D. Fábria e Padre Moscoso com 30 e 20 contos. De Setúbal, o sr. Manuel Soares com 25. De Braga, sempre a ajuda mensal. Do Canadá, sr. A. Azevedo com 100 dólares. Da Amadora, a D. Ermelinda com um cheque de 2 milhões de kuanzas para Benguela e Malanje. Mais um casal de leitões do Seminário Espiritano. E, já me esquecia, o nosso amigo angolano José Luís acompanhado por uma dúzia de patos e muitas pombas! Asas brancas são sinal de paz! Que esta venha a nós pela doação de nós mesmos e desprendimento dos bens. A Paz do Senhor — onde a fé, a esperança e o amor! Essa.

Padre Telmo

Carta Aberta

ao Senhor Ministro da Justiça

Continuação da página 1

Assim mesmo, *peco e seco*, sem qualquer prévia abordagem sobre a conveniência ou não de um tal despacho, «ordenando tal ida», sem qualquer consideração pelos critérios que norteiam a Instituição; como se Ela fora um cabide e os menores, peças que nele se penduram ou retiram ao sabor de qualquer decisão precipitada, que nem vale um leve apelo ao senso comum que nos obriga a todos, sem excepção, ao respeito pela dignidade alheia.

Claro que os pequenos não irão. Mas fica-me o desgosto de dever desobediência a quem queria sempre poder obedecer.

Padre Carlos



A casa nova de praia na Azurara, já estreada com o 1º turno.

Carta

«Quase tenho vergonha de tapar o meu débito d'O GAIATO. Sou incorrigível de preguiça. Por isso, junto ao pequeno cheque, o pedido de uma oração ao Pai do Céu por intermédio da Virgem Maria, no sentido de me ajudar a valorizar a vida que me restar, sendo menos preguiçosa em tudo, incluindo a partilha dessa mesma vida e de todos os bens que Ele me for dando.

Assinante 27598»



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média por edição no mês de Julho: 74.500 exemplares.